

## **A formação em antropologia hoje no Brasil:**

reflexões à luz dos ensinamentos de Roberto Cardoso de Oliveira

Miriam Grossi

**Como citar:** GROSSI, M. A formação em antropologia hoje no Brasil: reflexões à luz dos ensinamentos de Roberto Cardoso de Oliveira . In: RUBIM, C. R. (org.).

**Iluminando a face escura da lua:** homenagem a Roberto Cardoso de Oliveira.

Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012. p. 109-122.

DOI: <https://doi.org/10.36311/2012.978-85-7983-242-0.p109-122>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

A FORMAÇÃO EM ANTROPOLOGIA HOJE NO BRASIL:  
REFLEXÕES À LUZ DOS ENSINAMENTOS DE  
ROBERTO CARDOSO DE OLIVEIRA

*Miriam Grossi*

Gostaria inicialmente de agradecer o convite de Christina Rubim e do Departamento de Sociologia e Antropologia e o Programa de Pós Graduação de Ciências Sociais da Unesp de Marília pela honra de estar presente nessa jornada em homenagem ao Professor Roberto Cardoso de Oliveira, um dos “pais fundadores” da antropologia no Brasil. Sem dúvida trata-se de um professor que teve um papel fundamental para várias gerações de antropólogos brasileiros<sup>1</sup>.

É impressionante ver esta sala repleta de jovens estudantes interessados em antropologia. Estou encantada com as alunas e alunos daqui: pessoas interessantes, interessadas e profundamente engajadas com o aprendizado, com a instituição, com a antropologia.<sup>2</sup> Quero realmente

---

<sup>1</sup> Optei por manter o tom oral de minha intervenção nas Jornadas Roberto Cardoso de Oliveira, pois considero que reflexões mais subjetivas e relacionais sejam também importantes para a história da antropologia. Agradeço às organizadoras deste livro e à transcritora por disponibilizarem uma excelente transcrição de nossas falas no evento.

<sup>2</sup> Lembro ter ficado particularmente tocada com a presença da jovem estudante que participou de todos os dias do evento com sua filha Beatriz, de 19 dias, que amamentou na sala durante o seminário. Uma “questão de gênero” que também diz muito sobre a forma como as jovens antropólogas vivem hoje o dilema maternidade e profissão. Sua presença no evento me fez pensar numa história contada em bastidores por colegas ex-alunas de Roberto Cardoso de Oliveira no programa de pós-graduação em antropologia social do Museu Nacional, a de que o “professor não deixava” suas alunas mais brilhantes engravidarem. Uma delas, lamentavelmente já falecida, Lygia Sigaud, contou-me

parabenizar a Christina e os demais colegas da antropologia da UNESP por este engajamento com a formação dos estudantes de graduação. Observa-se que aqui foi plantada uma semente que está dando frutos agora. Por mais que a gente possa ler relatórios sobre os cursos de ciências sociais, isto não dá conta de entender quem são efetivamente os estudantes de graduação hoje no Brasil. Estar aqui, com vocês, é também para um mim “trabalho de campo”, pois assim conheço melhor quem são os atuais estudantes de graduação no Brasil.

Como vocês sabem o trabalho de campo é essencial para a prática antropológica e para nosso entendimento do campo no qual atuamos. Nossa presença aqui, numa homenagem a Roberto Cardoso de Oliveira, em um curso de Ciências Sociais, nos faz perguntar: qual o lugar da antropologia nos cursos de Ciências Sociais<sup>3</sup>?

Sem dúvida a influência dos mestres franceses, influenciados por Emile Durkheim e a Escola Sociológica Francesa, que estiveram na missão francesa na USP nos anos 1930, permanece como uma marca da constituição deste campo no Brasil. Porque em outros lugares do mundo não existe um curso de graduação de ciências sociais que reúna antropologia, sociologia, ciência política, nossa base de formação aqui no Brasil, àquela na qual também fui formada, assim como muitos dos que estão aqui também, formados nessa tradição. Acho que foi uma boa formação a qual tivemos. Em lugares como nos EUA ou na França, há uma formação de antropologia desde o primeiro ano da graduação, ou os alunos podem também ter uma formação em linguística e depois irem para a antropologia ou em psicologia e depois irem para antropologia, como se tem aqui no mestrado, mas há a possibilidade, pelo menos em algumas tradições de formação no primeiro mundo de se estudar antropologia desde o início da faculdade, algo que não há aqui no Brasil e que informa também uma certa tradição.

Nós temos essa particularidade no Brasil de que a nossa antropologia é uma antropologia que sempre dialogou e que dialoga, a partir dos anos 50, com a sociologia e não contra a sociologia. O que nós vemos hoje, certamente, são embates políticos por recursos materiais e simbólicos entre a antropologia

---

que numa das viagens mais longas de RCO para um estágio nos EUA, teve uma leva de estudantes que engravidaram e que ele teve de se curvar à “revolta” de suas alunas que queriam ser excelentes antropólogas, mas também mães.

<sup>3</sup> Destaco que este evento ocorreu antes da criação de inúmeros cursos de graduação em antropologia no Brasil, cujo pioneiro foi o da Universidade Católica de Goiás, criado em 2006.

e a sociologia. Por isso, acho que a formação conjunta em Sociologia e Antropologia é uma formação muito salutar, o que nós enquanto antropólogos reclamamos na nossa formação hoje é que, em geral, os antropólogos tratam de bobagem ou questiúnculas, enquanto sociólogos fariam coisas sérias. Eu acho que nós estamos mostrando, e vocês devem ter lido, em antropologia, que nós fazemos coisas sérias também só que de outro ângulo, de outro ponto de vista, e acho que trata-se hoje da gente reconstruir, do ponto de vista político, as relações entre sociologia e antropologia também no campo dos cursos de ciências sociais, sejam eles de graduação ou de pós-graduação.

Bem, sob esse ângulo, como quando a gente pensa na graduação, é importante lembrar que a antropologia não é uma profissão, não existe uma regulamentação da profissão de antropólogo. Para ser sócio da ABA, é necessário ter mestrado em antropologia ou comprovadamente atuar profissionalmente no campo da antropologia. No entanto, no campo da sociologia, um aluno que tenha graduação em sociologia automaticamente se considera sociólogo. Gostaria de lembrar que, há alguns anos atrás, durante a tramitação da lei de regulamentação de “sociólogo”, a mesma foi negada pelo nosso ex-presidente e colega Fernando Henrique Cardoso, provocando uma grande reflexão no campo das ciências sociais. Do meu ponto de vista, e do ponto de vista de vários colegas que têm participado de encontros de ensino de antropologia, achamos que foi uma grande possibilidade de transformarmos esse projeto de lei na regulamentação da profissão de “cientista social” e não na profissão de sociólogo, porque nós achamos que a profissão é de cientista social, àquela na qual nós devemos incluir a antropologia.

Eu invejo minhas companheiras de mesa, Lilia Schwarcz e Heloísa Pontes, que falaram sobre momentos passados da antropologia, nos quais não estivemos presentes, pois é mais difícil abordar o momento presente, sempre muito mais complexo e complicado, sobretudo porque em mudança e podendo ser lido e interpretado de várias formas pelas pessoas que nos escutam.

Minha apresentação aqui é também fruto do que escutei neste evento sobre o papel do professor Roberto Cardoso e Oliveira, uma verdadeira instituição na história da antropologia brasileira. Sua obra é, sem dúvida, a que melhor sintetiza as inquietações e as propostas teóricas da antropologia brasileira contemporânea.

Minha intervenção divide-se em dois momentos. No primeiro, reflito sobre a trajetória intelectual de Roberto Cardoso de Oliveira como exemplo da constituição da antropologia no Brasil e, no segundo, trago dados de pesquisa da ABA que resultaram no livro *O Campo da Antropologia no Brasil* (organizado por Gustavo Lins Ribeiro e Wilson Trajano Filho) sobre os egressos dos programas de pós-graduação em antropologia.

### **ROBERTO CARDOSO DE OLIVEIRA E A FORMAÇÃO EM ANTROPOLOGIA NO BRASIL**

A trajetória do Professor Roberto Cardoso de Oliveira se confunde integralmente com o campo da antropologia brasileira contemporânea. Detenho-me em alguns dados de sua trajetória que refletem o desenvolvimento da antropologia brasileira na segunda metade do século XX, tema central de minha reflexão.

O primeiro diz respeito a sua formação acadêmica. Roberto se formou em Filosofia, ou seja, sua formação de graduação não foi uma formação específica em antropologia, formação que, nos anos 1950, era ministrada na maior parte das universidades brasileiras nos cursos de Geografia e História, mas que na USP já tinha a marca do que viriam a ser as Ciências Sociais em todo o país depois da Reforma Universitária de 1970. Sua formação em Filosofia, marca de sua trajetória muitas vezes lembrada por ele em vários textos e entrevistas, reflete também uma das características da formação em antropologia no Brasil no século XX, a de que esta se fazia prioritariamente na pós-graduação, após uma formação de graduação em diferentes disciplinas. Roberto, como um dos criadores dos mestrados de antropologia no Museu Nacional e UnB e, posteriormente, do doutorado em ciências humanas da UNICAMP, impôs também esta marca nas turmas selecionadas nestes programas: a de aceitar candidatos de diferentes formações disciplinares, produzindo na própria formação de pós-graduação um “espírito interdisciplinar”.

Este “modelo” prevaleceu claramente nos Programas de Pós Graduação em Antropologia durante várias décadas. No início dos anos 2000, apenas metade dos alunos egressos dos PPGAS registravam terem tido formação de graduação em ciências sociais (alguns já com ênfase de pesquisas em antropologia)<sup>4</sup>. Ou seja, a presença importante de profissionais formados

<sup>4</sup> A outra metade de alunos eram oriundos de muitos outros campos disciplinares. Das áreas de Humanas, a

inicialmente em outras áreas disciplinares foi uma marca da trajetória de Roberto que acabou se tornando um princípio estruturante também nos cursos de pós-graduação em suas primeiras décadas de existência<sup>5</sup>. A interdisciplinaridade teve um papel importante no ensino de antropologia das últimas décadas do século XX com forte impacto nas leituras recomendadas, nos processos de aprendizagem, nos debates e intervenções em sala de aula, sempre marcados por esta pluralidade de formações teóricas disciplinares.

Um segundo ponto refere-se à importância que Roberto deu aos trabalhos comparativos, marca de sua trajetória e de seus ensinamentos. No CEPPAC onde ensinava e orientava em 2004, deixou a marca dessa sua orientação, um curso onde os alunos devem, como parte obrigatória da formação, fazer trabalhos comparativos entre o Brasil e um país da América Latina. Esse é um elemento fundamental da antropologia, desde seu início no século XIX, a comparação como instrumento teórico-metodológico na pesquisa e uma das marcas de sua prática antropológica.

A marca da comparação, com método e teoria, o vincula à outro elemento de sua trajetória que é a internacionalização da antropologia brasileira. Vários de nós nos perguntamos se o que nós temos feito no Brasil é uma antropologia internacional, se ela é internacionalizada? Seria ela do mesmo nível de outras antropologias internacionais? A obra e a trajetória do Professor Roberto Cardoso de Oliveira é paradigmática nesse sentido, pois já nos anos 1960, ele estabeleceu fortes relações com os Estados Unidos e particularmente com o México, onde durante um longo período foi seu principal destino acadêmico, onde ele ia anualmente ensinar<sup>6</sup>.

Destaco também o papel das línguas estrangeiras na sua trajetória intelectual. Roberto lembrou, em sua palestra ontem aqui, que na USP na década de 1950 a língua dominante era o francês e que sua decisão de escrever

---

história foi a disciplina mais recorrente com 20% dos egressos de mestrado formados neste campo. São também citadas psicologia, geografia, direito, medicina, arquitetura, comunicação, serviço social, fonoaudiologia, filosofia, engenharia, enfermagem, teatro, artes plásticas, música.

<sup>5</sup> Nos perguntamos porque é tão pequena a presença de alunos com formação em filosofia nos cursos de pós-graduação em antropologia hoje? Talvez porque a filosofia foi uma disciplina que também institucionalizou-se, como pós-graduação. A falta de circulação entre Filosofia e Antropologia é, sem dúvida, uma perda para a antropologia, pois a filosofia deixou de ser uma disciplina fundamental na formação de antropólogos.

<sup>6</sup> Roberto contou no evento que para ir ao México tinha sempre que pedir autorização pro DOPS, o que era bastante difícil durante a ditadura militar. Dado também destacado pelo Professor Sílvio Coelho dos Santos que fora seu aluno. Naquele momento, para se viajar para o exterior era necessária tal autorização política.

em espanhol foi um ato de rebeldia contra o modelo no qual havia se formado. Esta decisão, de geopolítica foi, portanto, um postura *avant la lettre* do que hoje chamamos de pós-colonial. Foi uma posição política que o aproximou de outras antropologias latino-americanas, fortalecendo-as no campo das antropologias mundiais e, ao mesmo tempo, ao produzir em espanhol, ganhou também um lugar de referência nas antropologias latino-americanas<sup>7</sup>. Esse vínculo com o exterior, dado também por sua escolha do diálogo em espanhol, em um período em que o Brasil estava fechado à outros dialogos por conta da ditadura militar, permitiu que ele se colocasse longe do que se poderia imaginar como um vínculo de “submissão” a teorias estrangeiras, internacionais. Pelo contrário, sua reflexão teórica sobre a fricção interétnica foi iluminadora para muitos países latino-americanos, onde ele continua a ser uma das principais referências antropológicas do Brasil.

Outro elemento importante de sua trajetória vinculado à construção do campo da antropologia no Brasil foi seu papel na presidência da Associação Brasileira de Antropologia entre 1984 e 1986, na representação da antropologia no CNPq e na criação do comitê de antropologia da CAPES, também na década de 1980. Nos inúmeros anos em que permaneceu a frente deste comitê, teve como meta tornar a Antropologia uma área de excelência. Sempre na perspectiva de que deveria ser uma área pequena, com poucos programas de pós-graduação, mas com uma massa crítica acima da média, com um pequeno grupo de cientistas altamente qualificados, com grande inserção internacional.

Vinculado a este último ponto, apresentarei a seguir dados da pesquisa da ABA sobre os egressos dos programas de pós-graduação em antropologia no Brasil.

---

<sup>7</sup> Na Reunião da EASA de 2004 em Viena, em uma mesa sobre a antropologia em vários contextos nacionais, a obra de Roberto Cardoso de Oliveira foi citada inúmeras vezes como um exemplo de grande impacto teórico na produção do campo científico latino-americano. Quase uma década mais tarde, em setembro de 2011, no Primeiro Encontro de Antropólogos Mexicanos e Brasileiros realizado no CIESAS, Roberto foi novamente o brasileiro mais lembrado, ao lado de Guillermo Bonfil Batalha, considerado também pioneiro da antropologia contemporânea no México.

## **OS EGRESSOS DA PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA NO BRASIL NO INÍCIO DOS ANOS 2000**

Em 2004 no Brasil, a antropologia é ensinada em 24 programas de pós-graduação. Esses 24 programas são divididos em dois grandes blocos. O primeiro agrupa os programas específicos de antropologia que formam em mestrado e doutorado em antropologia - os programas do Museu Nacional, UnB, UFRGS, UFSC, USP, UNICAMP, UFF, UFPE, UFPA e um curso novo, recém-criado, de mestrado profissionalizante em Patrimônio Cultural que está na Universidade Católica de Goiás<sup>8</sup>. Os outros 14 cursos são os programas de pós-graduação em ciências sociais, onde a antropologia é uma das áreas ensinadas.

A pesquisa da ABA foi realizada através de questionários e aplicada por telefone a egressos dos programas de pós-graduação em antropologia e abrangeu o período de 1992 a 2001, ou seja, um período onde já havia vários cursos de mestrado, mas apenas quatro de doutorado com egressos. Os dados da nossa pesquisa, infelizmente, só dizem respeito aos programas de antropologia, pois seria realmente muito interessante saber o que aproxima e diferencia um jovem antropólogo formado em um ou outro tipo de programa de pós-graduação.

Retomo aqui as tabelas, com seus respectivos números de publicação no livro *O Campo da antropologia no Brasil*, organizado por Wilson Trajano Filho e Gustavo Lins Ribeiro, publicado pela Editora Contra Capa e ABA, Rio de Janeiro, 2004.

Quem são os egressos dos programas de pós-graduação em antropologia no Brasil? Começemos por questões de gênero com a tabela de titulação por sexo

---

<sup>8</sup> O quadro de programas de pós-graduação em antropologia mudou bastante em menos de uma década. Em 2012, o curso de mestrado profissionalizante em Patrimônio da UCG foi fechado e abriram cursos de mestrado e doutorado na UFG, UFRN, UFAM, UFMG, UFSCar, UFPI, UFS, UFPB, sendo mais recente do da UFPEL que está iniciando em março de 2012.

Tabela 4 - Mestres e Doutores em Antropologia: instituição de titulação segundo sexo (%)

	Instituição de titulação										Total
	UFPA	UFPE	UFF	UFRJ	UNICAMP	USP	UFPR	UFSC	UFRGS	UnB	
<i>Mestres</i>											
Masculino	40,0	12,8	26,7	37,8	18,8	25,7	33,3	28,6	43,3	24,1	27,9
Feminino	60,0	87,2	73,3	62,2	81,3	74,3	66,7	71,4	56,7	75,9	72,1
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
<i>Doutores</i>											
Masculino				42,0		36,0			55,6	43,5	40,9
Feminino				58,0		64,0			44,4	56,5	59,1
Total						100,0			100,0	100,0	100,0

Estes dados nos mostram como se produziu uma feminilização da profissão, na geração posterior à do Professor Roberto, quando a maior parte dos antropólogos eram homens. A primeira constatação, a partir desse quadro sobre o número de egressos dos cursos de pós-graduação em antropologia, é que “Os antropólogos”, na verdade, são majoritariamente, “As antropólogas”.

Vemos que 72,1% dos mestres e 59,1% dos doutores são mulheres. Ou seja há mais mulheres que se formam no mestrado, mas este número diminui no doutorado, mostrando que há um número menor de mulheres que seguem a carreira em antropologia. Em alguns lugares como, por exemplo, na USP, nós temos apenas 25% de homens egressos e 74,3% de mulheres egressas e que este número muda para 36% de homens egressos e 64% de mulheres egressas do doutorado. Um outro lugar onde as mulheres são majoritárias é em Pernambuco, onde 87% das egressas do mestrado são mulheres. Isso é um pouco diferente em outros lugares, onde o recorte de gênero é mais equilibrado como, por exemplo, no Rio Grande do Sul onde há 43% de homens egressos no mestrado e 55,5% no doutorado.

Nas próximas tabelas, os dados nos ajudam a ver que a pós-graduação no Brasil é um espaço de ascensão social. A escolaridade de pai e mãe foram

tomadas nesta pesquisa como um dado indicativo do lugar que os egressos da pós-graduação em antropologia têm em seu grupo familiar.

Tabela 9 - Mestres em Antropologia: escolaridade da mãe, segundo a instituição de titulação (%)

Escolaridade da mãe	Instituição do programa										Total
	UFPA	UFPE	UFF	UFRJ	UNICAMP	USP	UFPR	UFSC	UFRGS	UnB	
1º grau	52,6	51,0	21,1	7,7	37,8	38,2	42,9	61,5	37,9	23,1	36,9
2º grau	31,6	29,4	42,1	38,5	29,7	20,6	14,3	19,2	34,5	38,5	30,7
Superior	15,8	19,6	36,8	53,8	32,4	41,2	42,9	19,2	27,6	38,5	32,4
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Tabela 10 - Mestres em Antropologia: escolaridade do pai, segundo a instituição de titulação (%)

Escolaridade do pai	Instituição do programa										Total
	UFPA	UFPE	UFF	UFRJ	UNICAMP	USP	UFPR	UFSC	UFRGS	UnB	
1º grau	47,4	54,9	10,5	12,8	35,1	38,2	42,9	53,8	48,3	19,2	36,9
2º grau	31,6	19,6	52,6	20,5	24,3	14,7	14,3	15,4	27,6	34,6	24,4
Superior	21,1	25,5	36,8	66,7	40,5	47,1	42,9	30,8	24,1	46,2	38,7

As tabelas acima revelam que a pós-graduação em antropologia, em particular o mestrado, é um raro espaço de democratização da formação superior no Brasil, pois apenas 38,2% dos pais e 32,4% das mães dos mestres têm curso superior<sup>9</sup>. O percentual de pais com apenas o 1º grau (37,1%) é bem maior que o de pais com 2º grau (24,7%), ao passo que a diferença de

<sup>9</sup> Estes dados mostram o quanto as bolsas concedidas pelas agências de financiamento foram importantes na formação desta geração de pós-graduandos, uma vez que explicitam ascensão social significativa, sobretudo se cruzados com as informações sobre as motivações para fazer o doutorado, em que o incentivo da bolsa de estudo é apontado como um dos fatores mais importantes para a tentativa de ingressar no doutorado (25,4% dos entrevistados).

percentual de mães que têm apenas o 1º grau é um pouco menor, com 36,9% com 1º grau e 30,7% com 2º grau.

Mas, se analisamos em detalhes, constatamos que alguns programas se revelam como espaços de maior mobilidade do que outros. No plano nacional, há 32,4% de mães com curso superior e 38,7% de pais. Mas se analisamos em detalhes vemos também as disparidades regionais. Por exemplo, no Pará (UFPA) apenas 15% das mães têm curso superior e, num polo oposto, vemos que no Rio de Janeiro (MN-UFRJ) os egressos vieram de famílias onde 53% das mães tinham curso superior.

Vamos passar agora para outro campo da pesquisa, o que estudou a carreira dos dos egressos, com foco na renda após a titulação, tomando como eixo dez anos de carreira.

Tabela 16 - Mestres e Doutores em Antropologia: Média e mediana da renda atual, segundo o ano de conclusão do curso

Ano de conclusão do curso	Média		Mediana	
	Mestrado	Doutorado	Mestrado	Doutorado
1992	3.350	5.143	3.000	5.000
1993	3.542	5.167	3.500	5.000
1994	3.208	4.071	3.000	3.000
1995	3.000	4.333	3.000	4.000
1996	2.961	4.429	3.000	5.000
1997	3.110	4.462	3.000	4.000
1998	2.963	3.964	3.000	4.000
1999	2.647	4.181	2.000	3.500
2000	2.222	3.733	2.000	3.000
2001	2.155	3.781	2.000	3.500
Total	2.705	4.193	2.000	4.000

Os dados da Tabela mostram que o salário médio de um mestre em antropologia formado nos últimos dez anos era, em 2002, de R\$ 2.705,00, ao passo que o de um doutor é de R\$ 4.193,00. O tempo de titulação tem,

sem dúvida, papel preponderante no rendimento médio tanto de mestrandos quanto de doutorandos. A diferença salarial entre os recém-titulados e os titulados há mais de dez anos é de 30% do rendimento. O salário médio de recém-mestres era de R\$ 2.155,00, enquanto o de mestres com mais de dez anos de titulação, R\$ 3.350,00 reais. O salário médio de recém-doutores era de R\$ 3.781,00, e o de doutores com mais de dez anos de titulação, R\$ 5.143,00. Pode-se observar que mestres com mais de dez anos de titulação têm rendimento semelhante ao dos recém-doutores.

Voltemos agora para outro aspecto que apontamos na trajetória de Roberto Cardoso de Oliveira, a respeito da importância da interdisciplinaridade e o impacto que a antropologia tem na formação de muitos profissionais. O quadro seguinte mostra onde os mestres em antropologia ensinavam em 2002, tendo como recorte departamento e cursos de graduação.

A tabela mostra a amplitude de atuações e influências que a antropologia tem em outras áreas do conhecimento universitário. O quadro mostra que os egressos ensinam em mais de 40 diferentes cursos/departamentos. Há algumas áreas em que há uma concentração maior de professores como história (10,7% nas públicas e 7,1% nas particulares), psicologia (16,7% nas particulares), letras (7,1% nas públicas), administração (7,1% nas particulares), direito (7,1% nas particulares), pedagogia (4,8% nas particulares). Esse panorama revela que, na década de 1990, o mestrado em antropologia abria um vasto campo de ação para os egressos que podiam atuar em inúmeras frentes de trabalho.

Para finalizar, vamos refletir sobre o impacto que a formação de pós-graduação tem na pesquisa em antropologia, através da participação em encontros científicos de referência para a área, retomando a questão da inserção internacional da antropologia brasileira, um dos eixos que havíamos refletido a respeito da carreira de Roberto Cardoso de Oliveira.

Tabela 20 - Mestres em Antropologia: outros departamentos onde atua como professor, segundo a dependência administrativa (%)

Outros Departamentos	Dependência administrativa			
	Pública		Particular	
	Frequência	%	Frequência	%
Relações internacionais			3	7,1
Economia			1	2,4
Administração	1	3,6	3	7,1
História	3	10,7	3	7,1
Instituto de humanidade	1	3,6	1	2,4
Fisioterapia	1	3,6		
Comunicação social	1	3,6	2	4,8
Ciência humanas			2	4,8
Psicologia			7	16,7
Filosofia	1	3,6	1	2,4
Letras	2	7,1		
Educação	1	3,6		
Serviço social			1	2,4
Turismo			1	2,4
Fonoaudiologia	1	3,6		
Educação física	1	3,6		
Ciências domésticas	1	3,6		
Designer	1	3,6		
Nesc	1	3,6		
Histologia	1	3,6		
Centro educacional	1	3,6		
Medicina	1	3,6		
Ciência contábeis			1	2,4
Música	1	3,6		
Direito	1	3,6	3	7,1
Engenharia			1	2,4
Saúde coletiva	1	3,6		
Política e trabalho social	1	3,6	1	2,4
Gestão ambiental			1	2,4
Estudos sociais			1	2,4
Arquitetura e urbanismo	1	3,6		
Curso de farmácia	1	3,6		
Letras e ciências humanas	1	3,6	1	2,4
Administração e Comunicação			1	2,4
Administração/ publicidade/ propaganda			1	2,4
Administração e Turismo	1	3,6		
Filosofia e ciências humanas			1	2,4
Vários setores	1	3,6		
Pedagogia			2	4,8
Não tem departamento			1	2,4
Marketing			1	2,4
Teologia			1	2,4
<b>Total</b>	<b>28</b>	<b>100,0</b>	<b>42</b>	<b>100,0</b>

Tabela 25 - Mestres em Antropologia: Participação em encontros científicos (%) \*

Tipo de participação	%
Não participou	33,0
Anual da ANPOCS	21,8
Nacional da ABA	37,4
Regional da ABA	25,9
Internac. em Antrop./C. Sociais/área correlata	18,1
Outros eventos	29,3

Nota: (\*) Os totais somam mais de 100% pois as alternativas de respostas não são mutuamente exclusivas

Tabela 26 - Doutores em Antropologia: participação em encontros científicos (%) \*

Tipo de participação	%
Não participou	16,7
Anual da ANPOCS	42,8
Nacional da ABA	60,1
Regional da ABA	34,8
Internac. em Antrop./C. Sociais/área correlata	33,3
Outros eventos	42,0

Nota: (\*) Os totais somam mais de 100% pois as alternativas de respostas não são mutuamente exclusivas.

Vemos que a participação em eventos científicos é considerada relevante e se mostra como um lugar importante de construção de redes e discussão pública de resultados de trabalhos. A Reunião Brasileira de Antropologia (Nacional da ABA) é o evento mais frequentado pelos mestres (37,4%) e pelos doutores (60,1%). Em seguida, está a participação na Reuniões

regionais<sup>10</sup>, também bienais: 25,9% dos mestres e 34,8% dos doutores. A reunião anual da ANPOCS é outro evento importante: 21,8% dos mestres e 42,8% dos doutores. Por fim, eventos internacionais, em particular a Reunião de Antropologia do Mercosul foram frequentados por 33,3% dos doutores e 18,1% dos mestres.

#### POST INSCRIPTUM

As reflexões que fizemos em 2004, ano de publicação do livro da ABA com resultados da pesquisa sobre egressos dos programas de pós-graduação, já não são hoje as mesmas sobre o campo da antropologia brasileira. Em menos de uma década, a antropologia brasileira passou por importantes transformações. Vimos um aumento vertiginoso dos titulados em antropologia, sejam mestres ou doutores, com a duplicação dos programas de pós-graduação em antropologia no país, sobretudo com formação doutoral. Observamos também a criação de uma dezena de cursos de graduação em antropologia, o que era ainda quase impensável em 2004, onde a formação de graduação se dava em cursos de ciências sociais. O aumento de cursos de graduação e pós-graduação foi acompanhado também pela criação, no quadro do Governo Lula (2002-2010), de inúmeras novas Universidades Federais em lugares e regiões que estavam até então fora do circuito de formação e de produção teórica antropológica no Brasil. Paralelamente a este *boom* de novos antropólogos, acelerou-se o processo de inserção internacional da disciplina, tanto pela realização sistemática de estágios de doutorado sanduíche quanto de pós-doutorados no exterior.

Lamentavelmente neste período, perdemos nosso grande mestre, Roberto Cardoso de Oliveira, em julho de 2006 e sua ausência continua sendo sentida por toda uma geração de antropólogos “filhos e netos” das diferentes linhagens antropológicas que construiu em diferentes universidades no Brasil e na América Latina. Nos perguntamos o que o grande professor, ícone da antropologia brasileira e pioneiro na expansão da pós-graduação e internacionalização da antropologia, pensaria sobre esta impressionante democratização e massificação da disciplina no Brasil?

---

<sup>10</sup> A reunião bienal da ABANNE, que reúne antropólogos das regiões Norte e Nordeste, se transformou em 2008 em REA – Reunião Equatorial de Antropologia.